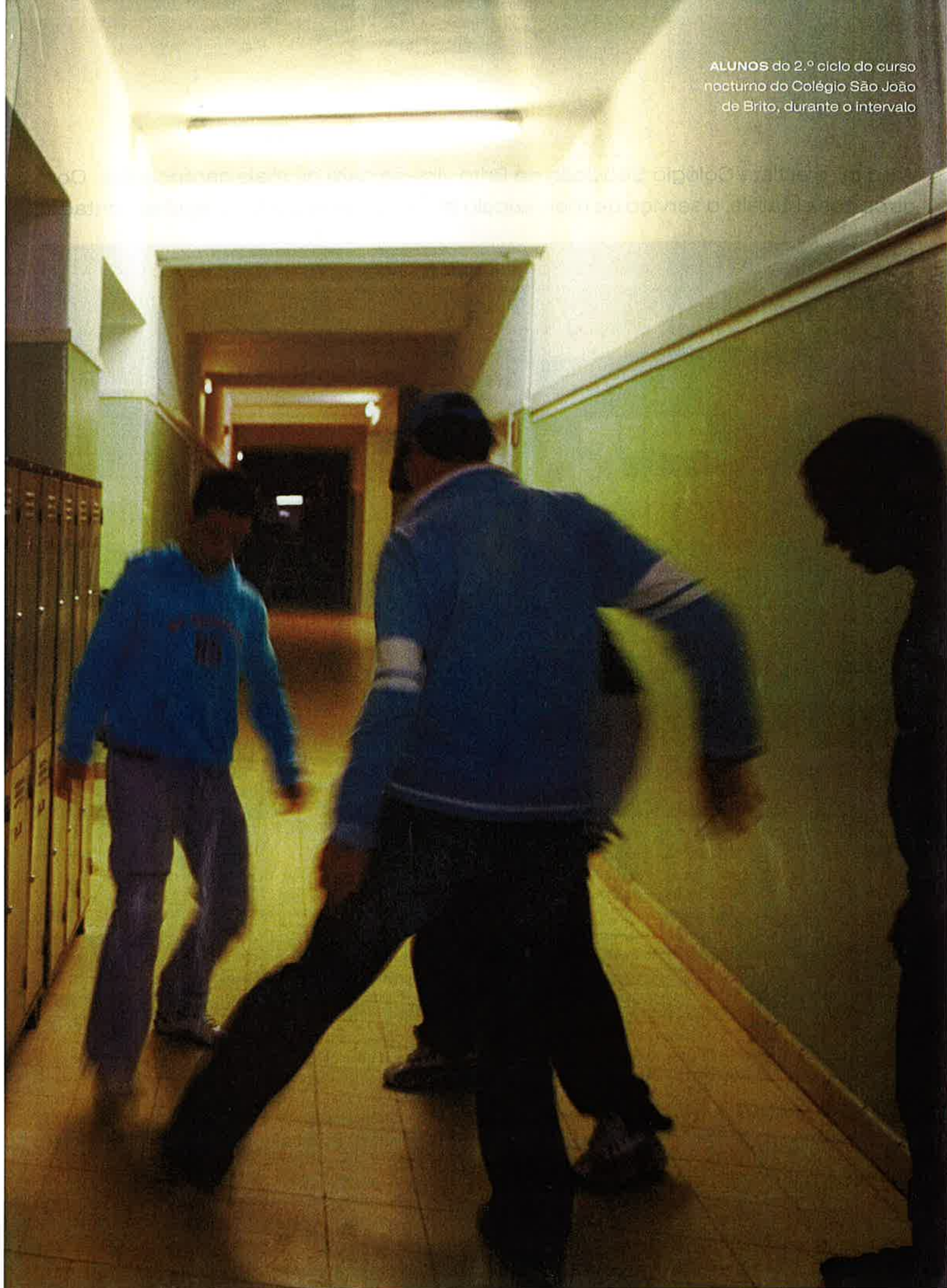




Segunda oportunidade

REPORTAGEM DE *Isabel Oliveira* (TEXTO) E *António Pedro Ferreira* (FOTOGRAFIAS)

ALUNOS do 2.º ciclo do curso nocturno do Colégio São João de Brito, durante o Intervalo



À noite, o elitista Colégio São João de Brito vira-se para os mais carenciados. Com os cortes estatais, o serviço de meio século à comunidade pode ter os dias contados



Oito da noite. No quadro, Fátima Cavaco sintetiza a matéria explanada na aula. Escreve a um ritmo pausado, para que todos a acompanhem na tomada de apontamentos. Nem mesmo assim escapa a sucessivas interpelações. «Mau quê?», pergunta o descarado Ivan, que parece não conhecer a palavra «dimensionamento». Os termos menos banais são seguidos de comentários da «plateia» — «ena pá!», «eia, stôra!» — e risos em surdina. De cada vez que a professora vira costas, voam bolas de papel entre os mais insubordinados. O riscar do giz no quadro é interrompido por sinais sonoros que denunciam a recepção de mensagens nos telemóveis. O Homem e o Ambiente — assim se chama a disciplina — está longe de galvanizar grande parte desta turma problemática do 2.º ciclo (5.º e 6.º anos). Filipe cola a cabeça ao tampo da carteira, entre o tédio e o cansaço. Mónica acaricia o ventre proeminente, em resposta aos movimentos do filho que nascerá em breve.

A chinesa Zhen encabeça a facção que segue a lição com inte-

CONCEIÇÃO, de 60 anos,
quer concluir o ensino secundário

resse: desafiada a ir ao quadro, levanta-se que nem uma mola e escreve com desembaraço, numa caligrafia cuidada. Judite esforça-se por acompanhar, embora demonstre grande dificuldade na escrita. Gasta o intervalo a concluir a cópia dos apontamentos. «Não vou lá...», lamenta-se a africana, perante o olhar complacente do professor que vem dar a aula seguinte.

A maioria destes estudantes, com idades entre os 16 e os 18 anos, habita zonas degradadas na periferia de Lisboa — Musgueira, Charneca do Lumiar, Galinheiras, Camarate —, é oriunda de famílias disfuncionais e vive paredes-meias com a criminalidade. Afastados do curso diurno das escolas públicas por falta de aproveitamento, bateram à porta do Colégio de São João de Brito à procura de uma segunda oportunidade. Alguns acabarão por desperdiçá-la, outros farão jus à fama do estabelecimento, conseguindo contrariar o seu negro fado. Elitista, exigente e caro, este

colégio encontra-se entre os mais cotados do país: os resultados dos exames do ano lectivo 2005/06 colocaram-no, aliás, no primeiro lugar do «ranking» das escolas do ensino secundário. Já o curso nocturno, fundado em 1952 no âmbito da acção apostólica da Companhia de Jesus, é um serviço destinado à comunidade «comprovadamente carenciada», frisa o Padre Amadeu Pinto, director da instituição. Na década de 80, face a um crescimento massivo do número de inscrições, o colégio aderiu — com outros 75 estabelecimentos de ensino particular e cooperativo — à política de celebração de contratos de associação com o Ministério da Educação. É esta comparticipação pública que lhes permite dar aulas gratuitas, no regime nocturno, a alunos do ensino recorrente.

Raquel Encarnação, professora de Artes Visuais — e uma veterana do curso da noite — explica que, apesar da evolução dos comportamentos ser lenta, vêem-se resultados: «Alguns desistem, mas regressam no ano seguinte; outros come-

çam por se adaptar ao ambiente, para depois se virarem para o estudo». Luís Rosa, docente do 2.º ciclo, não esconde que «a luta com eles é grande: exige aceitação e capacidade de encaixe». É precisamente no ensino básico que se verifica uma maior taxa de abandono, razão por que Rosa entende que «conservá-los, mesmo com as suas especificidades, já é uma vitória». Manuel Mesquita e Vítor Gomes, outros dois pilares do curso nocturno de São João de Brito, avançam que os alunos que ultrapassam esta fase «vão por aí fora». É o caso de Tito Salvador, que trocou o aconchego da casa dos avós em Trás-os-Montes pela residência da mãe, no Bairro Padre Cruz,

O ENSINO básico regista abandonos muito superiores ao secundário

em Lisboa, e se fez à vida para superar as dificuldades económicas. Aos 15 anos já servia em cafés. Quando encontrou trabalho administrativo com horário compatível com os estudos, inscreveu-se no colégio e em cinco anos concluiu o ensino básico e o secundário. «Arrancou» uma média de 16 valores e hoje, aos 30 anos, está perto de concluir a licenciatura em Contabilidade. Miura Lima, uma são-tomense de 21 anos que vive com a família nas Galinheiras e trabalhou em «part-time» numa frutaria para juntar dinheiro para a faculdade, fez ali o 11.º e o 12.º anos, ingressando logo em seguida no curso de Política Social da Universidade Técnica de Lisboa. Luís Santos, 61 anos, antigo funcionário da TAP, reformou-se antecipadamente para concretizar um velho sonho: voltar a estudar e tirar um «canudo». Este era o estabelecimento de ensino que servia a sua área residencial (Ameixoeira). Inscreveu-se e não deu o tempo por mal empregue. Entre 2002 e 2004 terminou

30% dos alunos tiveram bom aproveitamento no último ano lectivo

o 11.º e 12.º anos. Está actualmente no 2.º ano de Línguas e Literaturas Modernas da Faculdade de Letras.

No ano lectivo 2004/05, cerca de 20% dos alunos do curso nocturno de São João de Brito concluíram os anos em que estavam inscritos e 26,4% entraram para universidades públicas. Um ano volvido, perto de 30% obtiveram bom aproveitamento e 24% ingressaram no ensino superior. São números francamente animadores, se tivermos em conta que se trata do ensino recorrente. Para António Valente, coordenador do curso, estes resul-



AQUELES que ultrapassam a fase crítica, de adaptação, «vão por aí fora» e chegam à universidade, garantem os professores veteranos do colégio

PROFESSOR Mesquita com três antigos alunos: Tito, à direita, está a terminar a licenciatura em Contabilidade



tados devem-se à cumplicidade entre professores e estudantes, que se firma logo nas primeiras semanas: «Cada caso é analisado individualmente, procurando-se estabelecer um itinerário de acordo com as suas necessidades e objectivos. Alguns lucrarão mais com o sistema de avaliação presencial, outros terão de optar pelo não presencial, sabendo, contudo, que poderão contar com os apoios disponibilizados pelo colégio.» Sem um programa de apoio individual, António Moura estaria condenado ao insucesso escolar. Este cabo-verdiano de 23 anos, em Portugal há 20

meses, começa agora a entender as matérias do 10.º ano graças às aulas extra de Língua Portuguesa. Até então, só falava crioulo. A tia com quem vive também não fala português, circunstância que em nada o beneficia. Mas António é um lutador: durante o dia, estuda o dicionário, a gramática e faz provas de caligrafia — «a stôra diz que melhora a escrita» —, para à noite compreender o que lhe é transmitido.

Não obstante os bons resultados verificados nos últimos anos, o curso nocturno de São João de Brito pode ter os dias

contados. Os sucessivos cortes da comparticipação estatal deixam o director da instituição apreensivo. Em Julho de 2005, já com o ano lectivo 2004/05 terminado, o colégio foi notificado pela Direcção Regional de Educação de Lisboa (DREL) de que o número de alunos abrangidos pelo contrato de associação — assinado em Março desse ano — baixava de 615 para 500. Como o estabelecimento insistiu em manter o número de inscrições, sofreu uma penalização de cerca de 230 mil euros. Em Outubro de 2005, a DREL ameaçou baixar o número de alunos para 170. A pressão decorrente de denúncias na comunicação social levou o secretário de Estado da Educação a dar o dito por não dito, elaborando um despacho a fixar o número de alunos abrangidos pelo contrato em 500. Relativamente ao presente ano lectivo, em 29 de Agosto — com a maioria das matrículas já realizadas — o São João de Brito recebeu um fax da DREL fazendo saber que apenas 400 candidaturas ao ensino recorrente nocturno seriam comparticipadas pelo Estado. O padre Amadeu Pinto não tem dúvidas: «É um governo socialista que está a liquidar um curso

CORTES estatais podem comprometer curso para carenciados

destinado a alunos carenciados». E avança que está disposto a recorrer aos tribunais para que a obra dos jesuítas não seja extinta por decreto. O EXPRESSO contactou o Ministério da Educação para perceber a razão destes cortes, aliás subscritos pelo secretário de Estado da Educação, Valter Lemos, em ofício dirigido ao colégio. Ao fim de dez dias de insistência, não obtivemos qualquer comentário ou esclarecimento do Governo.

A são-tomense Conceição Teixeira, enfermeira de 60 anos, voltou a estudar. Está no 10.º ano, «com o objectivo de chegar ao fim». O empenho em concluir o secundário esbarrará com as poupanças do Ministério? ■